

## REALIDADE HOSTIL

*Niviane Divina da Rocha Carlos<sup>1</sup>*

Diante de tanta desigualdade social no mundo, esta situação nos leva a vários questionamentos, dentre eles, como agir? Quais soluções poderiam ser tomadas para amenizar tais diferenças econômicas? Estas e outras perguntas nos levam a pensar sobre o grande problema que é a desigualdade social. Além disso, pode-se acrescentar uma pergunta que hoje, qualquer criança com o mínimo de percepção já fez, pelo menos, uma vez na vida: por que uns tem tanto e outros tão pouco?

A história da sociedade ensina que no início da civilização o homem vivia de suas caçadas, depois, plantações e colheitas, ou seja, todos podiam ter um ambiente igualitário e até trocavam mercadorias uns com os outros quando havia necessidade. Porém, com a evolução industrial e, posteriormente a francesa, que foi a responsável pela ascensão do capitalismo, isso passa a ser o problema que determinou de forma cruel na sociedade a diferença financeira entre os povos. A soberania de determinados indivíduos dá base para a ideia de poder versus exclusão, desse modo, forma-se uma sociedade embasada em ideais segregacionistas.

Entretanto, já no século XVII, Jacques Bossuet afirmava que os reis tinham o direito divino de governar. Isto é, aceitar que havia aqueles que mereciam e deveriam ser considerados superiores, indivíduos os quais tinham seus padrões de vida baseados em impostos pagos pelas classes inferiores: os servos, os plebeus e os camponeses. Nota-se, então, uma realidade hostil; pode-se visualizar o quão fácil era estar numa classe superior, vivendo às custas dos mais humildes, os quais não tinham direito à educação e nem meios para lutar e mudar esse padrão imposto pelos soberanos. Nesse contexto, os humildes eram ameaçados e viviam com medo, sentimento mais estimulado no período para que a desigualdade continuasse favorecendo aos mais nobres.

---

<sup>1</sup>Professora de Sociologia da Educação na Faculdade Alfredo Nasser (UNIFAN) de Pontalina (Goiás).

Assim, atualmente, em pleno século XXI, pode-se perguntar: o que mudou de lá até hoje? Mudou a maneira de lidar com a desigualdade, porém o contexto geral continua o mesmo. O povo ainda vive “no mundo da desigualdade social” e, talvez, com mais comprometimento. Os indivíduos continuam sendo divididos e classificados pelas suas economias, isso através de um sistema capitalista que perdura e hostiliza uma grande parcela social. A partir daí, é possível refletir sobre um termo atualmente muito comentado: corrupção. Trata-se de um substantivo que enquadra o ser humano em um ciclo de competição sem fim, isto é, os meios para atingir determinados propósitos não são levados em consideração.

O importante é que se atinja o que se deseja, mesmo que isso signifique atacar, ferir e até ceifar a vida de outros seres humanos. O termo se enquadra principalmente dentro da realidade daqueles que são escolhidos pela maioria para trabalharem em prol da comunidade: os próprios governantes. Há, no início, as propostas de melhoria para uma sociedade sedenta por mudanças e, posteriormente, quando podem se tornarem ativos diante do que se comprometeram, fazem o contrário e ressaltam somente ideias individualistas. O mundo dá voltas e fica no mesmo lugar. Engraçado dizer isso, não é? Contudo é o que acontece, pois, a ilusão de mudança permanece e novamente procura-se novos meios para melhorar, mas o caráter fraco dos líderes impõe um futuro sem perspectivas de mudanças e a desigualdade social continua a ser ponto central de uma comunidade repleta de divergências, isto é, baseada em direitos para poucos e deveres para muitos.

A segurança, a saúde, a educação e a subsistência fazem parte de um banquete que poucos podem saborear. A fome por esse banquete é sentida por aqueles que nomeamos de “pobres”. O pobre se acostuma com o pouco, se acostuma a viver com o que está a seu alcance, mesmo que haja riscos; se acostuma a estar doente e aguardar, mesmo que haja riscos; se acostuma a abdicar de luz para usufruir de alimento, mesmo que haja riscos... Assim, é pelo “costume” que não se visualiza mudança. É importante citar, dentro desse raciocínio, uma parte da sociedade brasileira que mais sente na pele cada injustiça citada: a população negra. Herbert Spencer, sociólogo fundador da teoria chamada darwinismo social, dizia que a desigualdade acontecia pelo baixo

desenvolvimento intelectual e genérico daqueles que não eram considerados brancos. É válido ressaltar que foi esse pensamento que baseou as atitudes racistas e excludentes que mancharam a história do nosso país, Brasil.

Após 300 anos de escravidão, houve a implantação da Lei Áurea que, despreparadamente, entregou a “liberdade” à população negra. Entretanto, qual foi o planejamento social vinculado a essa liberdade? Nenhum. Não havia trabalho, pagamento, moradia e respeito por aqueles indivíduos. Assim, a periferia foi inchada por um povo historicamente excluído e isso perdura até hoje na sociedade brasileira. Há, desse modo, uma história tão forte de exclusão social e racial que, no Brasil, pode-se levar séculos para serem minimamente redimidas. Concluo então: a exploração não morreu.

Como podemos considerar que a atualidade é mais digna do que o passado, sendo que os netos daqueles que sofreram continuam, hoje, sofrendo? A exploração não muda, o que muda é a forma que se explora. Mas, como acabar com a desigualdade social? Uma boa pergunta. Vários países estão procurando solucionar esse problema, sem acabar com o capitalismo, isso através da socialdemocracia, a qual busca políticas para garantia do bem-estar social. Os países nórdicos, estão sendo referência em socialdemocracia, a qual desenvolve um tipo de capitalismo voltado para as diferenças sociais, buscando investir na formação técnica, tanto quanto na educação superior. Acredito que pontos como esse, bem administrados, poderão ser a solução do problema. Tenho muita esperança nessa mudança, a qual deve ser baseada em educação de qualidade igualitária para as crianças e jovens.

O primeiro tijolo para a uma sociedade mais igualitária e menos excludente chama-se: educação, no caso, em tempo integral, a qual deve levar em consideração o aprendizado acadêmico, o conhecimento da vida prática e da vida cotidiana. Só assim o mundo, e principalmente o Brasil, poderá evoluir e uma parcela sofrida da população dirá “NÃO” à continuidade do sofrimento, ao abandono, à fome e à violência. Desejo, neste país, partilhar da sabedoria que muitos outros países vêm mostrando e, assim, chegar à conclusão de que todos têm o direito de usufruir de uma vida digna, sobretudo, baseada na tranquilidade de um lugar que se pode chamar de “lar”.